

KAREN M. McMANUS

UM
DE NÓS
ESTÁ
MENTINDO

Tradução

André Gordirro

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2017

PARTE UM

LÁ VEM TEXTÃO DO SIMON

CAPÍTULO 1

Bronwyn

Segunda-feira, 24 de setembro, 14h55

Uma sex tape. Alguém com medo de ter ficado grávida. Dois escândalos envolvendo traições. E essa é apenas a atualização das notícias da semana. Se tudo que você soubesse a respeito do Colégio Bayview viesse do aplicativo de fofoca de Simon Kelleher, você se perguntaria como alguém ainda poderia ter tempo de assistir às aulas.

— Isso é notícia velha, Bronwyn — diz uma voz pelas minhas costas. — Espere até ver o post de amanhã.

Droga. Eu odeio que ser flagrado lendo Falando Nisso, especialmente pelo criador do aplicativo. Abaixo o celular e bato a porta do armário.

— Vai arruinar a vida de quem agora, Simon?

Simon passa a me acompanhar assim que vou contra o fluxo de alunos a caminho da saída.

— É um serviço de utilidade pública — responde ele, com um gesto de desdém. — Você é tutora do Reggie Crawley, né? Não seria melhor saber que ele tem uma câmera no quarto?

Nem me dou ao trabalho de responder. Eu chegar perto do quarto de Reggie Crawley, aquele eterno maconheiro, é tão provável de acontecer quanto Simon adquirir alguma consciência.

— De qualquer forma, a culpa é das pessoas. Se as elas não mentissem e traíssem, eu estaria na rua. — Os frios olhos azuis de Simon perceberam meus passos longos. — Para onde você está correndo? Vai se cobrir de glória extracurricular?

Quem me dera. Como se para me zoar, um alerta pisca no meu telefone: *Treino para a Olimpíada de Matemática, 15h, Café Epoch*. Seguido de uma mensagem de um dos meus colegas de equipe: *Evan está aqui*.

Claro que está. O atleta gatinho de matemática — um paradoxo menor do que você imagina — só parece dar as caras quando eu não posso.

— Não exatamente — respondo.

Como regra, e especialmente nos últimos dias, tento fornecer o mínimo de informação possível para Simon. Nós passamos por portas verdes de metal em direção à escadaria dos fundos, uma linha divisória entre o ambiente sombrio do Colégio Bayview original e o novo anexo iluminado e arejado. A cada ano, mais famílias ricas saem de San Diego por causa do aumento do custo de vida na cidade e se mudam para Bayview, 25 quilômetros a leste, na esperança de que seus impostos paguem por uma educação melhor do que colégios com teto chapiscado e linóleo arranhado.

Simon continua na minha cola quando chego ao laboratório do Sr. Avery no terceiro andar, e dou meia-volta com os braços cruzados.

— Você não tem que estar em algum lugar?

— É, na detenção — diz Simon, que me espera continuar a andar. Quando pego a maçaneta em vez disso, ele cai na gargalhada. — Você está me zoando. Você também? O que você fez?

— Fui acusada injustamente — murmurei, e abri a porta com força.

Já havia três outros alunos sentados. Paro para observá-los. Não era o grupo que eu teria previsto. A não ser por um nome.

Nate Macauley inclina a carteira para trás e dá um risinho irônico para mim.

— Entrou no lugar errado? Aqui é a detenção, não o conselho estudantil.

Ele bem sabia disso. Nate se metia em confusões desde o quinto ano, que é mais ou menos a época em que nos falamos pela última vez. A corrente de fofocas me diz que Nate está sob liberdade condicional concedida pela polícia de Bayview por... alguma coisa. Pode ter sido por dirigir embriagado; pode ter sido por tráfico de entorpecentes. Ele é um conhecido fornecedor, mas meu conhecimento é puramente teórico.

— Poupe seus comentários. — O Sr. Avery risca alguma coisa na prancheta e fecha a porta quando Simon entra.

Janelas altas e arqueadas na parede dos fundos lançam triângulos de luz solar vespertina no chão, e ruídos do treino de futebol flutuam vindos do campo atrás do estacionamento.

Eu me sento quando Cooper Clay, que segura um pedaço de papel amassado como se fosse uma bola de beisebol, sussurra “se liga, Addy” e joga o papel na direção de uma garota sentada em frente a ele. Addy Prentiss pisca, sorri vagamente e deixa a bolinha cair no chão.

O relógio da sala de aula se arrasta em direção às três, e eu sigo o avanço com uma sensação impotente de injustiça. Eu nem sequer deveria *estar* ali. Deveria estar no Café Epoch, flertando sem jeito com Ewan Neiman diante de equações diferenciais.

O Sr. Avery é um sujeito do tipo detenção-primeiro-perguntas-nunca, mas talvez ainda houvesse tempo para fazê-lo mudar de opinião. Eu pigarreio e começo a erguer a mão quando noto o risinho de Nate se alargando.

— Sr. Avery, aquele celular que o senhor encontrou não era meu. Não sei como foi parar na minha mochila. *Este* é o meu — expliquei a ele, brandindo meu iPhone com capinha listrada cor de melão.

Honestamente, a pessoa tinha que ser sem noção para levar um telefone para o laboratório do Sr. Avery. Ele mantém uma rígida política de proibição de uso de celulares e passa os primeiros dez minutos de cada aula vasculhando mochilas, como se fosse o chefe de segurança de uma companhia aérea e nós todos estivéssemos na lista de suspeitos. Meu celular estava no meu armário, como sempre.

— Você também? — Addy se vira para mim tão rapidamente que o cabelo lavado com xampu esvoaça em volta dos ombros. Ela deve ter sido separada cirurgicamente do namorado para ter aparecido sozinha. — Aquele também não era o meu telefone.

— Comigo são três — emenda Cooper.

O sotaque sulista faz o três parecer outra coisa. Addy e ele trocam olhares surpresos, e eu me pergunto como isso pode ser novidade se os dois fazem parte da mesma panelinha. Talvez pessoas superpopulares como eles tenham coisas melhores para conversar do que detenções injustas.

— Alguém nos sacaneou! — Simon se inclina à frente com os cotovelos na mesa, parecendo uma mola encolhida e pronto para dar o bote em uma fofoca fresquinha. Seu olhar passa por nós quatro, reunidos no meio de uma sala de aula praticamente vazia, antes de se concentrar em Nate. — Por que alguém ia querer prender na sala de detenção um bando de alunos com fichas praticamente limpas? Parece o tipo de coisa que, ah, sei lá, um cara que está aqui o tempo todo faria para se divertir.

Eu olho para Nate, mas não consigo imaginar aquilo. Manipular uma detenção significa ter algum trabalho, e tudo a respeito de Nate — desde os cabelos escuros e desgrenhados à jaqueta de couro surrada — diz bem claramente *não estou nem aí*. Ele sustenta meu olhar, mas não diz uma palavra, apenas inclina a cadeira mais para trás. Outro milímetro e Nate vai cair.

Cooper se endireita na cadeira e franze seu rosto de Capitão América.

— Esperem aí. Eu achei que isso fosse apenas um engano, mas, se a mesma coisa aconteceu com todos nós, então é uma pegadinha idiota feita por alguém. E estou perdendo *o treino de beisebol* por causa disso. — Ele fala como se fosse um cirurgião cardíaco que foi detido e estivesse perdendo uma operação para salvar vidas.

O Sr. Avery revira os olhos.

— Guardem as teorias conspiratórias para outro professor. Eu não vou acreditar. Todos conhecem as regras sobre trazer telefones para a sala de aula, e vocês infringiram essas regras. — Ele lança um olhar especialmente feio para Simon. Os professores sabem que o Falando Nisso existe, mas não há muito o que possam fazer para impedir o aplicativo. Simon usa apenas iniciais para identificar as pessoas, e nunca fala abertamente sobre o colégio. — Agora prestem atenção. Vocês ficarão aqui até às quatro da tarde. Quero que cada um faça uma redação de quinhentas palavras sobre como a tecnologia está arruinando os colégios nos Estados Unidos. Quem não cumprir as regras leva outra detenção amanhã.

— Com o que a gente vai escrever? — pergunta Addy. — Não tem computador aqui.

A maioria das salas tinha notebooks, mas o Sr. Avery, que aparentemente já poderia estar aposentado há uma década, é um dinossauro.

O Sr. Avery vai até a mesa de Addy e bate com o dedo na ponta de um bloco pautado amarelo. Todos nós temos um igual.

— Explore a magia da caligrafia. É uma arte perdida.

O rosto bonito e em formato de coração de Addy parece uma máscara de confusão.

— Mas como vamos saber que chegamos às quinhentas palavras?

— Contem — responde o Sr. Avery. Os olhos descem para o telefone que ainda estou segurando. — E me dê isso aqui, Srta. Rojas.

— O fato de o senhor estar confiscando meu celular *duas vezes* não lhe faz parar para pensar? Quem tem dois telefones? — pergunto. Nate sorri, tão rápido que quase deixo de ver. — Sério, Sr. Avery, alguém está pregando uma peça na gente.

O bigode branco do Sr. Avery estremece de irritação, e ele estende a mão, gesticulando.

— *O telefone*, Srta. Rojas. A não ser que queira voltar aqui outra vez. — Eu entrego o celular suspirando enquanto ele olha os demais com reprovação. — Os celulares que confisquei do restante de vocês estão na minha mesa. Vocês pegarão os aparelhos de volta após a detenção.

Addy e Cooper trocam olhares, achando graça, provavelmente porque seus verdadeiros telefones estão em segurança nas mochilas.

O Sr. Avery joga meu celular em uma gaveta, se senta atrás de sua mesa e abre um livro enquanto se prepara para nos ignorar pela próxima hora. Eu pego uma caneta, bato no bloco amarelo e contemplo a tarefa. Será que o Sr. Avery realmente acredita que a tecnologia está arruinando as escolas? É uma declaração um pouco forte para se fazer por causa de alguns telefones contrabandeados. Talvez seja uma armadilha, e ele esteja esperando que a gente o contradiga, em vez de concordar.

Dou uma olhadela em Nate, que está debruçado sobre o bloco, escrevendo *computadores são uma merda* sem parar, em letras garrafais.

Talvez eu esteja me preocupando demais com isso.

Cooper

Segunda-feira, 24 de setembro, 15h05

Minha cabeça começa a doer em poucos minutos. É ridículo, eu acho, mas não consigo me lembrar da última vez que escrevi

qualquer coisa a mão. Para piorar, estou usando a mão direita, que nunca parece natural, embora eu já faça isso há muitos anos. Meu pai insistiu que eu aprendesse a escrever com a mão direita no segundo ano depois de me ver no campo de beisebol. *Seu braço esquerdo vale ouro*, disse ele. *Não desperdice com porcarias que não valem a pena*. O que vêm a ser qualquer coisa que não seja jogar beisebol, na opinião dele.

Foi quando meu pai começou a me chamar de Cooperstown, como o famoso jogador de beisebol. Nada como colocar um peso desses num menino de 8 anos.

Simon mete a mão dentro da mochila e vasculha tudo, abrindo cada divisória. Ele a coloca no colo e olha o interior.

— Onde diabos está minha garrafa d'água?

— Sem conversa, Sr. Kelleher — avisa o Sr. Avery sem erguer os olhos.

— Eu sei, mas minha garrafa d'água... sumiu. E estou com sede.

O Sr. Avery aponta para a pia no fundo da sala, com a bancada cheia de recipientes e tubos de ensaio.

— Vá beber água. *Em silêncio*.

Simon se levanta, pega um copo da pilha na bancada e o enche de água da torneira. Ele volta para o lugar e coloca o copo na mesa, mas parece distraído com a escrita metódica de Nate.

— Cara — diz Simon ao chutar com o tênis o pé da mesa de Nate —, falando sério, você colocou aqueles telefones nas nossas mochilas pra zoar com a gente?

Agora o Sr. Avery ergue os olhos e franze a testa.

— Eu disse *em silêncio*, Sr. Kelleher.

Nate se reclina e cruza os braços.

— Por que eu faria isso?

Simon dá de ombros.

— Por que você faz qualquer coisa? Pra você ter companhia na treta do dia?

— Mais uma palavra da parte de qualquer um de vocês e vai ter detenção amanhã — alerta o Sr. Avery.

Simon abre a boca mesmo assim, mas, antes que consiga falar, surge o som de pneus guinchando e depois a colisão entre dois carros. Addy contém um gritinho de susto, e me seguro na mesa, como se alguém tivesse acabado de se chocar comigo pelas costas. Nate, que parece contente com a interrupção, é o primeiro a ficar de pé e ir à janela.

— Quem bate o carro no estacionamento do colégio?

Bronwyn olha para o Sr. Avery, como se estivesse pedindo permissão, e, quando ele se levanta da mesa, ela também corre para janela. Addy segue Bronwyn, e finalmente saio da minha carteira. Melhor ver o que está acontecendo. Eu me apoio no peitoril para espiar lá fora, e Simon surge ao meu lado com uma risada debochada ao ver a cena abaixo.

Dois carros, um vermelho velho e um cinza genérico, estão enfiados um no outro em um ângulo reto. Todos olhamos fixamente em silêncio até o Sr. Avery soltar um suspiro exasperado.

— Melhor eu verificar se alguém se machucou. — Ele passa os olhos por todos nós e para em Bronwyn a mais responsável do grupo. — Srta. Rojas, mantenha esta sala sob controle até eu voltar.

— Ok — responde Bronwyn, que lança um olhar nervoso para Nate.

Nós permanecemos na janela, vendo a cena lá embaixo, mas, antes que o Sr. Avery ou outro professor apareça fora do colégio, ambos os carros dão partida e saem do estacionamento.

— Bem, isso foi sem graça — diz Simon.

Ele volta para a mesa e pega o copo, mas, em vez de se sentar, vai até a frente da sala e examina o pôster com a tabela periódica de elementos. Simon enfia a cara no corredor, como se estivesse prestes a ir embora, mas a seguir se vira e ergue o copo em um brinde.

— Alguém quer água?

— Eu quero — responde Addy ao se sentar.

— Pegue você mesma, princesa — diz Simon, com um sorrisinho. Addy revira os olhos e não sai do lugar enquanto Simon se debruça sobre a mesa do Sr. Avery. — Literalmente, hein? O que você vai fazer agora que o baile já passou? É uma grande lacuna até a festa de formatura do terceiro ano.

Addy olha para mim sem responder. Eu não a culpo. A linha de raciocínio de Simon nunca leva a um lugar bom quando se refere aos nossos amigos. Ele age como se não se importasse em ser popular, mas ficou bastante convencido quando acabou fazendo parte do conselho da festa de formatura do ensino médio, na primavera passada. Ainda não sei como Simon conseguiu aquilo, mas talvez ele tenha comprado alguns votos com o seu silêncio.

Entretanto, Simon não foi visto no conselho do baile na semana anterior. Eu fui eleito rei, então talvez esteja na próxima lista de Simon para ser sacaneado ou seja lá que diabos ele esteja fazendo.

— O que você quer dizer, Simon? — pergunto ao me sentar ao lado de Addy.

Ela e eu não somos exatamente íntimos, mas eu meio que me sinto como protetor de Addy. Ela namora o meu melhor amigo desde o primeiro ano, e é gente boa. E também não é o tipo de pessoa que sabe enfrentar um cara insistente como o Simon.

— Ela é uma princesa, e você, um atleta — responde ele, apontando o queixo para Bronwyn e depois para Nate. — E você é um crânio. E também um criminoso. Vocês todos são estereótipos ambulantes de filmes de adolescente.

— E quanto a você? — pergunta Bronwyn.

Ela andou pairando pela janela, mas agora foi à mesa e se empoleirou em cima. Bronwyn cruzou as pernas e puxou o rabo de cavalo escuro sobre o ombro. Algo nela está mais bonito neste

ano. Óculos novos, talvez? Cabelo mais comprido? De repente, Bronwyn está investindo nesse lance de nerd sexy.

— Eu sou o narrador onisciente — responde Simon.

As sobrancelhas de Bronwyn subiram acima da armação escura do óculos.

— Não existe isso nos filmes de adolescente.

— Ah, mas, Bronwyn — Simon pisca e toma a água em um gole só —, *existe* uma coisa assim na vida real.

Ele diz quase em ameaça, e eu me pergunto se Simon tem algum segredo de Bronwyn naquele aplicativo idiota. Eu odeio aquele troço. Quase todos os meus amigos apareceram no aplicativo em algum momento, e às vezes ele causa problemas de verdade. Meu amigo Luis e a namorada terminaram por causa de uma coisa que Simon escreveu. Embora *fosse* uma história real sobre Luis ter ficado com a prima da namorada, mas, ainda assim. Esse tipo de coisa não precisa ser publicada. As fofocas de corredor já são suficientemente ruins.

E, sendo honesto, estou bem preocupado com o que Simon poderia escrever sobre mim se decidisse fazer isso.

Simon ergue o copo com uma careta.

— Que gosto de merda.

Ele deixa o copo cair, e eu reviro os olhos diante da sua tentativa de fazer drama. Mesmo quando o líquido cai no chão, ainda acho que Simon está de zoação. Mas aí começa a respiração ofegante.

Bronwyn é a primeira a ficar de pé e depois se ajoelha ao seu lado.

— Simon — chama ela, enquanto lhe balança o ombro. — Você está bem? O que aconteceu? Consegue falar?

A voz de Bronwyn vai da preocupação ao pânico, e é o suficiente para eu me colocar em ação. Mas Nate é mais rápido, me empurra para passar e se ajoelha do lado de Bronwyn.

— Uma caneta — pede ele, enquanto os olhos vasculham o rosto de Simon, vermelho como tijolo. — Tem uma caneta?

Simon faz que sim com a cabeça freneticamente, e sua mão arranha o próprio pescoço. Eu pego a caneta da minha mesa e tento passá-la para Nate, pensando que ele está prestes a fazer uma traqueostomia de emergência ou algo do gênero. Nate apenas me encara, como se eu tivesse duas cabeças.

— Uma caneta de *adrenalina* — diz Nate procurando pela mochila de Simon. — Ele está tendo uma reação alérgica.

Addy fica em pé e abraça o próprio corpo, sem dizer uma palavra. Bronwyn se vira para mim, com o rosto corado.

— Vou achar um professor e ligar para a emergência. Fique com ele, ok? — Bronwyn pega o telefone da gaveta do Sr. Avery e dispara para o corredor.

Eu me ajoelho ao lado de Simon. Seus olhos estão esbugalhados, os lábios arroxeados, e ele emite sons horríveis de sufocamento. Nate joga o conteúdo inteiro da mochila de Simon no chão e vasculha a confusão de livros, papéis e roupas.

— Simon, onde você guarda a caneta? — pergunta ele ao abrir o pequeno compartimento frontal e arrancar duas canetas normais e um molho de chaves.

Porém, Simon já passou muito da fase de conseguir falar. Eu coloco uma palma da mão suada no seu ombro, como se isso fosse fazer algum bem.

— Você está bem, vai ficar bem. Estamos chamando ajuda. — Ouço minha voz desacelerando e engrossando como melado. Meu sotaque sempre sai forte quando estou estressado. Eu me viro para Nate e pergunto: — Tem certeza de que ele não está sufocando com alguma coisa?

Talvez Simon precise de uma manobra de Heimlich, não da porcaria de uma caneta médica.

Nate me ignora e joga a mochila vazia de Simon para o lado.

— Porra! — berra ele ao esmurrar o chão. — Você guarda a caneta no corpo, Simon? Simon!

Os olhos de Simon reviram enquanto Nate vasculha os bolsos do garoto, mas não encontra nada além de um lenço de papel amassado.

Sirenes berram ao longe quando o Sr. Avery e dois outros professores entram correndo, seguidos por Bronwyn, que fala ao telefone.

— Não conseguimos encontrar a caneta de adrenalina dele — explica Nate resumidamente ao gesticular para a pilha de coisas de Simon.

O Sr. Avery encara Simon de queixo caído e horrorizado por um segundo, depois se volta para mim.

— Cooper, há canetas de adrenalina na sala da enfermeira. Elas devem estar etiquetadas e bem à vista. *Depressa!*

Eu disparo para o corredor e ouço passos atrás de mim que desaparecem conforme eu chego rapidamente à escadaria dos fundos e escancaro a porta. Desço três degraus por vez até chegar ao primeiro andar, e costuro entre alguns estudantes retardatários até chegar à sala da enfermeira. A porta está entreaberta, mas não há ninguém ali.

A sala é apertada, com a mesa de exame diante das janelas e um grande armário cinza que se agiganta à esquerda. Eu passo os olhos pela sala, e eles param em duas caixas brancas instaladas na parede com letras vermelhas garrafais. Uma diz DESFIBRILADOR DE EMERGÊNCIA, e a outra ADRENALINA DE EMERGÊNCIA. Eu me atrapalho com o ferrolho da segunda caixa e o abro.

Não tem nada dentro.

Abro outra caixa, que tem um aparelho de plástico com o desenho de um coração. Tenho certeza de que não é aquilo, então começo a vasculhar o armário cinza, tirando caixas de bandagens e aspirina. Não vejo nada que se pareça com uma caneta.

— Cooper, encontrou as canetas? — A Sra. Grayson, que havia entrado no laboratório com o Sr. Avery e Bronwyn, irrompe na sala, ofegante e com a mão na lateral do corpo.

Eu gesticulo para a caixa vazia na parede.

— Elas deveriam estar ali, né? Mas não estão.

— Veja no armário — instrui a Sra. Grayson, ignorando as caixas de Band-Aid espalhadas pelo chão, que provam que já tentei isso.

Outro professor se junta a nós, e reviramos a sala enquanto a sirene se aproxima. Quando abrimos o último armário, a Sra. Grayson seca um filete de suor da testa com as costas da mão.

— Cooper, avise ao Sr. Avery de que não encontramos nada ainda. O Sr. Contos e eu vamos continuar procurando.

Chego ao laboratório do Sr. Avery no mesmo momento que os paramédicos. Há três deles em uniformes da Marinha, dois empurrando uma maca branca, e um correndo à frente para abrir espaço na pequena multidão que está reunida em volta da porta. Espero até que todos estejam na sala, e entro de mansinho. O Sr. Avery está curvado ao lado do quadro-negro, com a camisa social amarela para fora da calça.

— Não conseguimos encontrar as canetas — digo a ele.

O professor passa a mão trêmula pelo cabelo branco ralo quando um dos paramédicos dá uma injeção em Simon e os outros dois o colocam na maca.

— Que Deus ajude esse garoto — sussurra o Sr. Avery, mais para si mesmo do que para mim, imagino.

Addy está ao lado, sozinha na dela, com lágrimas escorrendo pela face. Cruzo o laboratório até ela e coloco o braço em seus ombros quando os paramédicos empurram a maca de Simon até o corredor.

— O senhor pode vir junto? — pergunta um deles para o Sr. Avery.

Ele concorda com a cabeça e vai atrás, deixando o laboratório vazio, a não ser por alguns professores abalados e nós quatro, que havíamos começado a detenção com Simon.

Foi só há uns quinze minutos, eu acho, mas parece que foram horas.

— Ele está bem agora? — pergunta Addy, com um tom contido.

Bronwyn está com o telefone entre as mãos, como se usasse o aparelho para rezar. Nate está parado com as mãos na cintura, olhando fixamente para a porta conforme mais professores e alunos entram.

— Eu arrisco dizer que não — respondo.